

Otan deve subir gasto com defesa para 3%

— Aliança militar tem de ser igualmente corajosa e inflexível com suas ações como foi 25 anos atrás

estadaodigital#wsmuniz30@gmail.com

ARTIGO

Andrzej Duda
Presidente da Polónia

Há 25 anos, o sonho de gerações de poloneses se concretizou. Após dois séculos de dificuldades para se manter como Estado independente seguidos de quatro décadas de domínio soviético, em 12 de março de 1999, em Independence, Missouri, a República da Polónia – juntamente com República Checa e Hungria – foi admitida oficialmente na Organização do Tratado do Atlântico Norte, a aliança militar mais poderosa do mundo.

Usamos bem este tempo. A Polónia, localizada estrategicamente e quinto maior país da União Europeia em termos de população e área, com o produto interno bruto de US\$ 690 bilhões, é um dos membros mais comprometidos da Otan. As Forças Armadas polonesas estão em linha com os padrões da aliança em termos de treinamento, comando e equipamentos – comprados principalmente dos nossos fornecedores americanos.

Nosso gasto anual em defesa alcançou um nível recorde dentro da Otan e se coloca em cerca de 4% do PIB.

A ordem mundial com base em regras, que a Polónia ajudou a moldar, foi abalada em 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia lançou uma invasão em escala total à Ucrânia. O combate do outro lado da nossa fronteira oriental foi travado com intensidade comparável à de batalhas da 2.ª Guerra. Desde o início do conflito, a Polónia se envolveu no maior grau possível.

MODO DE GUERRA. A Polónia tem alertado há muito contra um cenário desse tipo. Agora, enquanto acompanhamos o conflito de suas proximidades, declaramos o seguinte: um retorno ao status quo não é possível. As ambições imperialistas da Rússia e seu revisionismo agressivo estão empurrando Moscou na direção de um confronto direto com a Otan, com o Ocidente e, em última instância, com todo o mundo livre. A Federação Russa mudou sua economia para o modo de guerra, está alocando em torno de 30% de seu orçamento anual para se armar. Esse número

é outros dados vindos da Rússia são alarmantes. O regime de Vladimir Putin representa a maior ameaça para a paz global desde o fim da Guerra Fria.

Dez anos atrás, na cúpula da Otan em Newport, no País de Gales, todos os aliados prometeram gastar pelo menos 2% de seus PIBs anuais em defesa. Eu acredito que, em razão das crescentes ameaças, chegou a hora de elevar esse número para 3%

Rússia mudou sua economia para modo de guerra e gasta 30% de seu orçamento anual para se armar

do PIB. E pretendo persuadir nossos aliados, tanto na América quanto na Europa, a isso. Alegro-me que, tendo já ultrapassado o bastante esse mínimo, EUA e Polónia possam liderar pelo exemplo e inspirar os demais.

Ao recordar a adesão da Polónia à Otan, vale notar a abordagem visionária dos líderes na época. A quarta ampliação da aliança, em 1999, foi um acontecimento histórico, comparável à adesão da Alemanha Ocidental à Otan, em 1955. Em ambos os ca-

sos, Moscou se opôs à decisão. Contudo, os líderes da aliança permaneceram inabaláveis em sua determinação. Em ambos os casos, seguiu-se uma estabilização de longo prazo na arquitetura da segurança europeia.

Hoje, a Otan tem de ser igualmente corajosa e inflexível em suas ações, da mesma forma que foi 25 anos atrás. Estou contente pelo fato de a aliança ter recebido como membros Suécia e Finlândia – Estados que mantiveram seu status de neutralidade por décadas. Mas a Otan deve permanecer aberta para mais expansões. Uma decepcionante falta de unidade na cúpula da Otan em abril de 2008 tornou fúteis os esforços da Polónia, de outros países na nossa região e da diplomacia americana: não foi oferecido à Ucrânia e à Geórgia um caminho claro para a adesão – o que deixou essas duas nações vulneráveis à agressão russa. A Rússia invadiu a Geórgia apenas dois meses depois da cúpula e, em 2014, atacou a península ucraniana da Crimeia e o Donbas.

UNIDADE. Trata-se de um capítulo lamentável na história da Otan, que oferece uma importante lição para o futuro. O que a aliança precisa hoje é de unidade, e mais unidade. Membros da Otan devem trabalhar juntos no futuro da aliança, em seus investimentos em segurança e numa estratégia comum para dar apoio à Ucrânia. Creio que a cúpula de julho em Washington marcando o 75.º aniversário da Otan produzirá decisões significativas.

A Polónia acredita que a Otan é o principal pilar global de segurança, uma comunidade de nações livres fundada em

valores universais. Acreditamos no princípio da solidariedade: “Um por todos e todos por um”. A Polónia acredita que essa força não pode ser equiparada por nenhuma potência agressora.

Simultaneamente, a Polónia reconhece e aprecia a liderança dos EUA na aliança – obviamente com base nas fundações mais fortes possíveis, incluindo recursos humanos e materiais, assim como adesão aos objetivos inmutáveis da Otan. Não to que a Polónia entrou em seu caminho para integrar a Otan quando George H.W. Bush era presidente e o processo foi concluído durante o mandato do ex-presidente Bill Clinton. O Congresso também esteve unido nessa questão – pois não é segredo que uma Otan forte na Europa centro-oriental constitui um objetivo estratégico duradouro com os EUA como líderes da aliança.

Isso continua verdadeiro. A cooperação estratégica Varsóvia-Washington desenvolve-se, independentemente de quem ocupe o poder, tanto na Polónia quanto nos EUA. No que tange ao fortalecimento da Otan e da cooperação com os americanos, todos os políticos poloneses, seja qual for a cor de sua bandeira, sempre falaram e continuarão a falar em uníssono.

No primeiro semestre de 2025, a Polónia ocupará a presidência da União Europeia. Nossa prioridade será: mais EUA na Europa. Isso significa uma presença americana mais ativa em todas as esferas militares, econômicas e políticas. Na mesma medida que a Otan não é forte sem a Europa, a Europa não é forte sem os EUA e a Otan. ●

TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL

Oriente Médio

Sai de Chipre primeiro carregamento marítimo com ajuda para Gaza

BRUXELAS

O primeiro carregamento marítimo de alimentos para a Faixa de Gaza deixou a ilha mediterrânea de Chipre ontem pela manhã, disseram autoridades. O envio inicia, na prática, um corredor não testado para levar ajuda a milhares de palestinos que, segundo a ONU, estão à beira da fome.

O navio puxava uma barcaça carregada com quase 200 toneladas de arroz, farinha e outros alimentos da World Central Kitchen, um grupo de caridade. O navio, fornecido pelo grupo de ajuda espanhol Open Arms e que leva seu nome, é o primeiro autorizado a entre-

gar suprimentos a Gaza por mar desde 2005, segundo o presidente do braço executivo da União Europeia, Ursula von der Leyen, que apoiou o esforço. O território está sob um bloqueio quase total em meio à guerra travada entre Israel e o grupo terrorista Hamas, que controla o enclave.

CORREDOR. Com restrições para a entrega por via terrestre, começaram a surgir esforços multinacionais para fornecer alimentos e bens de primeira necessidade por via marítima e aérea. Os EUA, o Reino Unido, a União Europeia e outros governos disseram na semana passada que iriam estabelecer um corredor marítimo para le-

var ajuda de Chipre para Gaza, e os militares dos EUA anunciaram planos para construir um cais flutuante para facilitar as entregas.

Mas as autoridades americanas disseram que a instalação do cais flutuante poderia levar de 30 a 60 dias.

Não ficou claro como o carregamento da World Central Kitchen seria descarregado e distribuído quando o navio chegasse à costa de Gaza, uma viagem de 386 km de Chipre. O fundador do grupo, José Andrés, um chef hispano-americano, disse no fim de semana que começou a construir um cais em Gaza para receber a ajuda, mas o grupo não especificou onde a estrutura estava localizada.

O tempo normal de navegação entre Chipre e Gaza é de 15 a 17 horas, disseram autoridades e grupos de ajuda, mas elas acrescentaram que o Open Arms provavelmente demoraria mais tempo devido à sua carga pesada. ● NYT

US\$ 300 milhões

Casa Branca anuncia pacote modesto a Kiev

WASHINGTON

O governo americano anunciou ontem um novo pacote de ajuda militar à Ucrânia, em um valor que pode chegar a US\$ 300 milhões (R\$ 1,5 bilhão). A verba foi reunida com a economia feita pelas Forças Armadas em contratos previamente licitados, o que deve garantir o primeiro envio americano a Kiev desde que o financiamento anterior se esgotou, no fim de dezembro. A maioria republicana na Câmara tem bloqueado as tentativas do governo Biden de aprovar uma nova ajuda.

Altos funcionários da Defesa americana informaram que o pacote vai incluir sistemas de defesa antiaérea, munições de artilharia e sistemas de blindagem. Não está claro se os

misséis de longo alcance conhecidos como ATACMs também farão parte da ajuda.

RUSSOS. O pacote chega em um momento no qual a Ucrânia necessita urgentemente de sistemas de defesa antiaérea, uma vez que a Rússia continua bombardeando suas cidades, especialmente no leste. De acordo com uma autoridade americana, a solução improvisada manteria o avanço das tropas russas sob controle por algumas semanas.

O Senado aprovou um projeto de lei de ajuda emergencial que inclui US\$ 60,1 bilhões (R\$ 299 bilhões) para a Ucrânia, mas a medida enfrenta um destino incerto na Câmara dos Deputados, onde os líderes republicanos se recusam a submeter a medida à votação. ● NYT